

RELATOS DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO PANDÊMICO EM SANTANA DO IPANEMA/AL: um olhar sobre a situação educacional e seus desafios.

REPORTS OF PEDAGOGICAL RESIDENCY IN the PANDEMIC CONTEXT IN SANTANA DO IPANEMA/AL: a look at the educational situation and its challenges.

**Natália Pâmela Barbosa Ribeiro⁽¹⁾; Yara Martins Agra⁽²⁾;
Carla Manuella de Oliveira Santos⁽³⁾**

⁽¹⁾ORCID: <https://orcid.org/0000-0000-0000-0000>; Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL - Graduanda, residente bolsista no Programa Residência Pedagógica, BRAZIL, E-mail: nataliapamela.26@gmail.com;

⁽²⁾ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8794-6111>; Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL - Graduanda, residente voluntária no Programa Residência Pedagógica, BRAZIL, E-mail: yaraagra@outlook.com;

⁽³⁾ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4603-0806>; Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL campus II - Professora Adjunta do Curso de Pedagogia, BRAZIL, E-mail: carla.manuella@uneal.edu.br, Docente Orientadora do Residência Pedagógica.

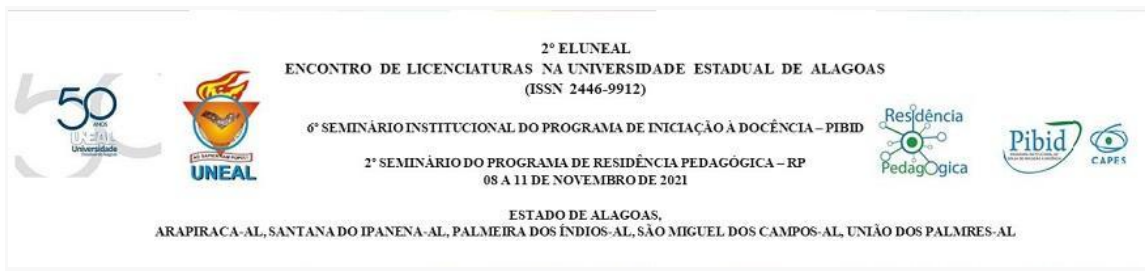
Grupo de Trabalho: Pedagogia/Alfabetização - RP

Todo o conteúdo neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

RESUMO: Este artigo apresenta breve reflexão acerca da realidade de uma turma do 2º ano do ensino fundamental da rede pública de Santana do Ipanema- Alagoas, durante o período de ensino remoto e o retorno às aulas presenciais, pela perspectiva do relato de experiência como residentes no Programa Residência Pedagógica (PRP) da Universidade Estadual de Alagoas, Núcleo I - campus II em Santana do Ipanema (AL). A investigação é um desdobramento das ações de pesquisa-ação desenvolvidas no PRP, e para tal, foram tomados como referência os estudos de Bernardes (2021), Luckesi (1994), Kishimoto (2010), Solé (1998), Freire (1987), entre outros. O texto busca fazer uma análise de como se deu os processos de ensino-aprendizagem no cenário remoto na escola campo de ação das atividades do Programa Residência Pedagógica e como se desenvolveu a retomada presencial. Em suma, constata-se que o ensino remoto não substitui o presencial e a volta à sala de aula exige um olhar ainda mais atento e sensível diante das novas particularidades vividas pelos sujeitos que protagonizam essa retomada.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino-aprendizagem, Práticas pedagógicas remotas, Retorno do ensino presencial.

ABSTRACT: This article presents a brief reflection on the reality of a class of the 2nd year of elementary school of the public network of Santana do Ipanema- Alagoas, during the period of remote teaching and the return to face-to-face classes, from the perspective of the report of experience as residents in the Pedagogical Residency Program (PRP) of the State University of Alagoas, Nucleus I - campus II in Santana do Ipanema (AL). The investigation is an unfolding of the action research actions developed in the PRP, and for this, the studies of Bernardes (2021), Luckesi (1994), Kishimoto (2010), Solé (1998), Freire (1987), among others, were taken as reference. The text seeks to make an analysis of how the teaching-learning processes took place in the remote scenario in the school field of action of the activities



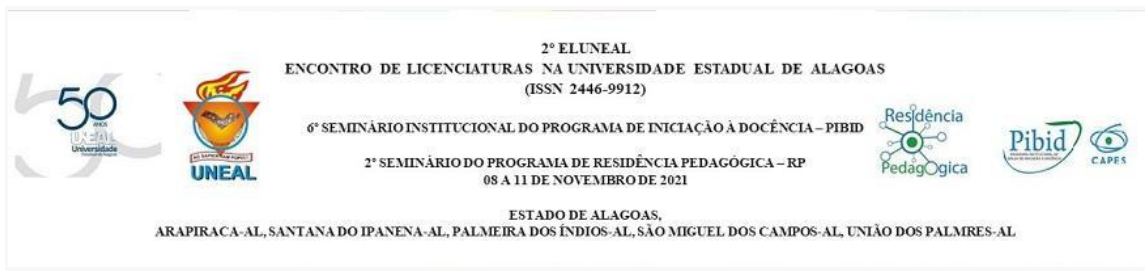
of the Pedagogical Residency Program and how the face-to-face resumption was developed. In a moment, it is observed that remote teaching does not replace face-to-face and the return to the classroom requires an even more attentive and sensitive look at the new particularities experienced by the subjects who lead this resumption.

KEYWORDS: Teaching-learning, Remote pedagogical practices, Return of face-to-face teaching.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A pandemia de Coronavírus (COVID-19) interferiu, assim como em todas as esferas sociais, nas atividades do Programa Residência Pedagógica, com isso o Núcleo I que atua no Curso de Pedagogia no Campus II, Santana do Ipanema da Universidade Estadual de Alagoas, teve suas atividades iniciadas remotamente em outubro de 2020, até a melhora do quadro de saúde pública, que possibilitou a retomada de parte das atividades presenciais de pesquisa na escola campo de ação em setembro de 2021.

Para efeito deste artigo, utilizou-se portanto das etapas das ações do Programa Residência Pedagógica caracterizada de imersão na escola lócus das práticas. O período de imersão é composto pelas seguintes etapas: caracterização da instituição, caracterização da turma e observação direta da turma. Nesse sentido, aqui dialogaremos com a coleta de dados que se deu no período remoto e no retorno das ações presenciais, especificamente, das observações diretas na turma. Cada observação contabilizou 20h, resultando em 4 momentos semanais e com o retorno das atividades presenciais e ressignificações feitas durante o percurso remoto, constatou-se que seria necessário dar continuidade ações de observações diretas na turma, uma vez que a educação pública municipal de Santana do Ipanema retornou presencialmente. Para isso, as ações do PRP foram redirecionadas, acrescentam-se mais 20h de observações presenciais nas turmas lócus das intervenções. Diante disso, objetiva-se neste trabalho colocar em tela um olhar para o ensino e aprendizagem no contexto pandêmico, levando em consideração as experiências e práticas das residentes do Curso de Pedagogia em uma Escola Municipal



de Educação Básica, especificamente, em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental - Anos Iniciais.

O recorrente ao que observado no modelo remoto trata de como foram efetuadas as atividades docentes nesse período, os grandes desafios encontrados frente a escassez de recursos tecnológicos necessários pelos estudantes, o pouco apoio das famílias diante de suas próprias particularidades sociais, e a insuficiência do Estado em subsidiar esses sujeitos perante esta nova realidade. Quanto à volta presencial às salas de aula, o texto atenta para as diferenças nos processos de ensino-aprendizagem nos cenários observados, os efeitos do período de afastamento dos sujeitos da comunidade escolar, e as formas como o docente e equipe pedagógica vem tentando lidar com essas decorrências.

O ENSINAR E O APRENDER REMOTAMENTE E AS LACUNAS ADVINDAS COM A PANDEMIA

O momento pandêmico trouxe muitas reflexões acerca do cenário educacional no país e um olhar mais atento voltado à realidade desse espaço que é tão imprescindível no que diz respeito ao desenvolvimento e construção da aprendizagem: a escola. Esta que possui um espaço justamente apropriado para envolver e acolher os sujeitos, estabelecendo diversas relações; e em que a partir do momento que estamos diante dele, percebemos a complexidade e diversidade de contextos que o envolvem.

Durante o período de coleta para a caracterização da instituição, o processo se deu por meio de atividades síncronas via Google Meet, por meio dessa ação foi possível agendar uma entrevista com a coordenadora pedagógica da instituição e nesse momento, destaca-se a seguinte narrativa:

“O sentimento de ver as salas vazias nesse tempo pandêmico, foi um sentimento de tristeza, por sentirmos a falta dos alunos, pois a escola sem os alunos é um lugar morto. A escola com os alunos, tem alegria, tem vida (...). Os professores e a gestão continuaram o trabalho, mas foi

triste não ver o pátio e as salas cheios de crianças aprendendo e se desenvolvendo”. (Fala da coordenadora de uma escola pública da rede municipal de Santana do Ipanema).

É mediante estas palavras que paramos para refletir: nada substitui o dia a dia, o cotidiano de uma escola, onde podemos ver professores ensinando, exercendo sua profissão; Alunos brincando, correndo, aprendendo, trocando conhecimentos, no meio, com o outro, criando laços, construindo experiências e sobretudo, desenvolvendo a sua autonomia, a sua formação como sujeitos críticos, reflexivos para viver como cidadãos participantes da sociedade.

Sabemos que mesmo antes da pandemia, já havia dificuldades no meio educacional, mas com a chegada da mesma, as várias lacunas no processo de aprendizagem dos educandos intensificou-se os desafios, no que se refere à oferta de formação continuada, os fomentos públicos para garantir acesso aos recursos tecnológicos e outras demandas de ordem social, levando em consideração o contexto de pobreza e desigualdades evidenciados na pandemia. Pôde-se observar mais visíveis as desigualdades e como as maiores dificuldades recaíram propriamente sobre as famílias de baixa renda que não estavam preparadas para atender a tantas demandas. Professores, coordenadores e toda a escola em conjunto tiveram que refletir, transformar e inovar as suas práticas, buscando novos meios dentro das possibilidades encontradas para conseguir levar o ensino adiante e poder alcançar ao menos a metade dos estudantes matriculados.

Vemos em um primeiro momento, que nunca a figura do professor foi tão necessária para se compreender a gama de aprendizados que se constroem a partir da relação professor-aluno.

“situar o ensino centrado no professor e o ensino centrado no aluno em extremos opostos é quase negar a relação pedagógica porque não há um aluno, ou grupo de alunos, aprendendo sozinho, nem um professor ensinando para as paredes. Há um confronto do aluno entre sua cultura e a herança cultural da humanidade (...) e há um professor que intervém, não para se opor aos desejos e necessidades ou à liberdade e

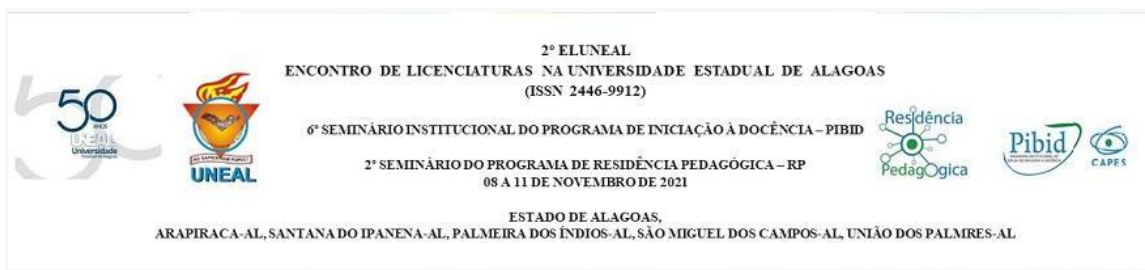
autonomia do aluno, mas para ajudá-lo a ultrapassar suas necessidades e criar outras (...). (LUCKESI, 1994, p. 74).

É por este motivo que a figura do professor é tão importante quanto ao seu papel em ensinar. A função do professor não o coloca numa postura de exercer autoridade sobre os alunos, mas em um sentido de ajudá-los, não os deixando sozinhos, abandonados ou “ao ver navios”, mas destaca a sua função em intervir dentro das situações, juntando os saberes em uma profunda relação dialógica. Nessa relação ambos devem colaborar para fazer crescer as trocas de conhecimento.

“O professor (...) é capaz de prevenir o mau comportamento, verifica que seus alunos compreendem, corrige adequadamente e torna a repetir as explicações em caso de necessidade. Mas o mais importante é que o professor comanda a situação de aprendizagem, mostrando, falando, demonstrando, descrevendo, e *ensinando* o que deve ser aprendido”. (BAUMANN, 1990, p. 141, apud SOLÉ, 1998, p. 2).

Com as medidas de prevenção e com o distanciamento, foi um grande desafio continuar as atividades fora do espaço da sala de aula, onde de certa forma, de modo presencial, o professor podia avaliar de perto e exercer um certo controle sobre a turma. Remotamente, a educação teve que acontecer de outras formas, adentrando os ambientes familiares. Os mesmos tiveram que reinventar as suas práticas, organizar um local adequado em seus lares, apropriar-se das ferramentas tecnológicas e adquirir entre outros materiais com seus próprios recursos para dar as videoaulas.

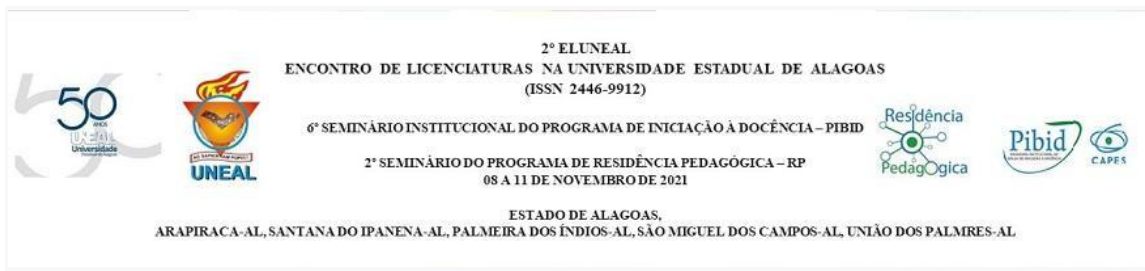
Mesmo com tantos esforços na tentativa de dar seguimento a educação, houve desafios quanto a carência de recursos para atender aos estudantes da (zona rural) e urbana e quanto ao baixo índice de aprendizagem nesse momento, onde muitos não conseguiram avançar e acabaram regredindo devido as inúmeras dificuldades de acessibilidade às video-aulas. Com o menor número de alunos participando das aulas remotamente, os professores estavam tentando “dar uma pincelada” na forma de passar os conteúdos, não quanto a sua forma de ensinar, pois muitos deram o seu



melhor no que estava ao alcance, mas quanto a oferta desse ensino não atender a todos e muitas escolas ainda estão tentando reajustar suas práticas.

Durante os períodos de observações remotas na turma do 2º ano, essa ação de pesquisa se deu por meio de um grupo de Whatsapp da turma, pois, essa foi a plataforma que melhor atendeu às expectativas da escola para o desenvolvimento das atividades remotas. Mediante a nossa inserção na turma, surgiram alguns questionamentos: Como aprender remotamente se muitos dos alunos matriculados não possuem acesso aos meios tecnológicos? Como fazê-los progredir com tantas dificuldades? A pouca participação, a desmotivação, a falta de interação nos grupos de WhatsApp, a falta de retorno quanto a entrega das atividades, a forma de avaliar esses estudantes, como saber se estavam aprendendo ou não, se estavam com dificuldades, em quê e quais essas dificuldades, se havia alguém em casa os auxiliando. Pôde-se observar todas essas situações dificultando o processo de aprendizagem ser efetivado.

Com relação às observações, vemos o quanto em um tempo de crise, a ação pedagógica precisa ser repensada. Ainda há grandes limitações e barreiras no ensino, mas vemos também o quanto a educação terá que encontrar outras soluções para poder suprir “os buracos” e sanar as lacunas deixadas na aprendizagem, recuperar o que ficou perdido no meio do caminho, nesse momento e para as gerações futuras. Mas com as palavras do referido autor Paulo Freire (1987, p. 65) “No momento em que a percepção crítica se instaura, na ação mesma, se desenvolve um clima de esperança e confiança que leva os homens a empenhar-se na superação das “situações-limites”. Concluindo essa reflexão, é pensar no amanhã com perspectivas, pois pudemos ver que mesmo com tantas dificuldades e mesmo diante de um futuro incerto, a educação pode ir além, conseguindo trilhar diferentes caminhos para chegar onde se deseja.

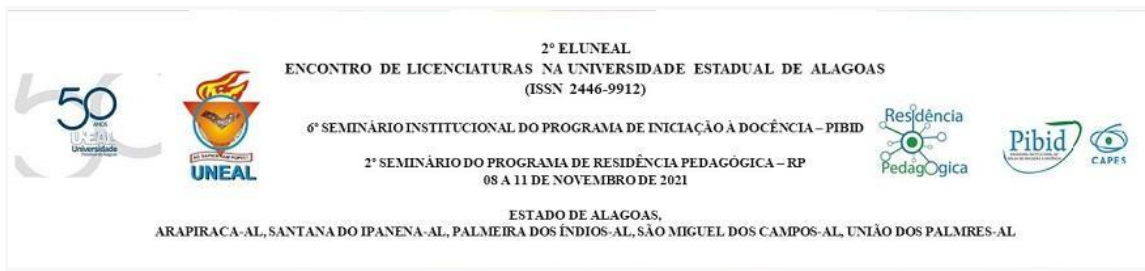


A VOLTA PRESENCIAL À SALA DE AULA E OS DESAFIOS A SEREM LIDADOS

Com a permissão dos órgãos reguladores de saúde conforme melhora nos números da pandemia e avanço da vacinação no país, o retorno de profissionais e alunos presencialmente às instituições foi possível. Desse modo as atividades presenciais do Programa Residência Pedagógica também tiveram início, e portanto os residentes destinaram-se até a escola campo de ação para a realização da etapa da pesquisa de observação presencial das aulas.

Frente a isso, todas as adversidades impostas pelo modelo remoto e enfrentadas pelos profissionais da educação pública, famílias e educandos que compõem sua clientela, encontram-se então ainda mais em evidência, da mesma forma que a importância de uma educação presente e eficiente nas vidas desses sujeitos, e as graves consequências que as lacunas deixadas pela falta desse serviço feito nos moldes presenciais deixaram na jornada escolar e desenvolvimento deles.

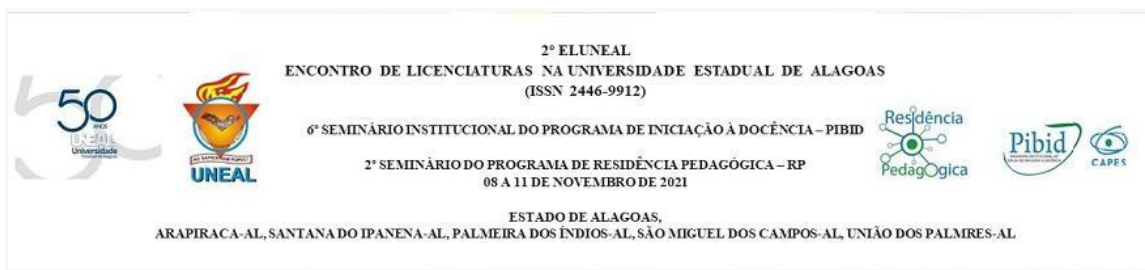
Conforme observado, a volta das aulas presenciais trouxe junto as problemáticas comumente encontradas, como indisciplina e desatenção, mas também trazem novos desafios a serem encarados devido ao longo período em que essas crianças permaneceram distante do acompanhamento docente, tanto fisicamente como também de em uma perspectiva pedagógica, logo que se considere as dificuldades em relação ao acompanhamento dos processos de aprendizagem, isso que se deve a diversos fatores já explanados, o difícil acesso dos educandos aos recursos tecnológicos, como internet, celulares, computadores, a falta de apoio das famílias no auxílio necessário aos filhos nesse período e também a falta de respaldo ao docente que não tendo nem a devolutiva das atividades passadas remotamente fica impossibilitado de saber se a aprendizagem estava de fato ocorrendo e de que forma.



Diante disso não é possível que o professor garantisse que a aprendizagem ocorresse em níveis parecidos entre as crianças, e ao retornarem à sala de aula foi preciso que o docente e a coordenação pedagógica trabalhassem diagnósticos para primeiramente identificar esses níveis de aprendizagem e assim pensar no planejamento mais adequado para a turma, pois como definem Luz, Silva e Amaral (2008, p. 18) “O diagnóstico consiste no levantamento de dados e informações que possibilitará uma visão global das necessidades e problemas enfrentados pela escola.” Depois de feito esses diagnósticos o que se observa são crianças em diferentes níveis, variando entre poucas em nível alfabético e muitas outras em silábico e pré-silábico.

Este é um desafio bastante presente em sala de aula, pois se normalmente já se encontra estudantes com níveis de desenvolvimento a desejar para determinado ano escolar nos anos iniciais do ensino fundamental, principalmente com dificuldades de leitura e escrita, no atual contexto as crianças se encontram com muito mais dificuldades devido a terem passado tempo considerável longe de práticas pedagógicas efetivas, portanto pode ser preciso que os trabalhos de alfabetização e letramento sejam retomados ou até mesmo refeitos, com as práticas de apropriação de escrita, leitura e interpretação tendo que ser ainda mais reforçadas.

Perante as problemáticas do contexto pandêmico no início, as aulas retornaram com as turmas dividida em dois grupos que se reservavam durante os dias da semana mas como poucos alunos retornaram a frequentar a escola, foi decidido pela docente que os grupos seriam reunidos, foi observado então que a frequência varia de 11 a 16 crianças por dia, mas diante do cenário de educandos em diferentes níveis de aprendizagem, já começa a ser pensado por ela e coordenação a necessidade de uma nova divisão de grupos que atenda às necessidades dessas crianças de forma mais específica, pensando em uma plano mais avançado para aqueles mais desenvolvidos e outro mais focado para aqueles com mais dificuldades.



É importante ressaltar que nessa nova organização ainda é visível vários hábitos marcados pela pandemia nas práticas rotineiras da instituição e da turma, sendo o uso constante das máscaras, salas mais vazias, e a tentativa de manter de o mínimo de distanciamento entre as pessoas, como horários diferentes de alimentação para algumas turmas, e recomendação para que as crianças não brinquem nos pátios durante o intervalo, organização essa que se mostra muitas vezes difícil quando se trata de crianças que ficaram tanto tempo longe de seus pares e anseiam por essa reaproximação. Um exemplo disso é quando uma criança da turma observada, pergunta a professora se eles iriam continuar indo à escola todos os dias e a docente responde que por enquanto sim, mas poderia mudar, e ela pede que não mude porque gostava de estudar com “todo mundo junto”. As relações entre os sujeitos são de extrema importância, pois como argumenta Santos e Jesus (2010, p. 04) “São essas vivências, na interação com as pessoas de seu grupo social, que possibilitam a apropriação da realidade, da vida e toda sua plenitude.”

É por esses motivos que insistir em mais uma separação dessas crianças deve ser pensado com cuidado, é importante que os profissionais tenham em mente os benefícios que a aprendizagem em pares tem para o desenvolvimento dos sujeitos, principalmente quando crianças. Com relação a isso a brincadeira é, portanto, algo fundamental nesse processo e mesmo que dessa forma limitada devido às restrições sanitárias, são observadas presentes na prática pedagógica da docente, quando reserva alguns minutos em sala para que eles brinquem, e em momentos em que disponibiliza quebra cabeças, ou organiza brincadeiras em grupo, e coordena uma atividade com corda entre as crianças. Durante essas atividades feitas em sala, que não são vistas no modelo remoto, é possível observar a todo momento a aprendizagem acontecendo, assim como apresenta Kishimoto (2010, p. 17):

As crianças de 6 anos foram transferidas para o Ensino Fundamental, mas continuam sendo crianças. A melhor forma de garantir a continuidade de seu processo de aprendizagem e desenvolvimento é incluir, no projeto pedagógico do Ensino Fundamental, brincadeiras

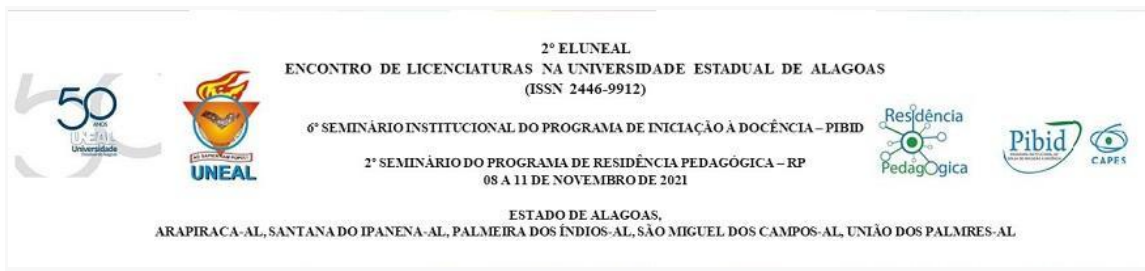
que ampliem os interesses das crianças pelas diferentes modalidades de letramento e estender cada vez mais a ação orientadora da professora.

Entretanto, nos planos de aula, ainda é trabalhado uma perspectiva muito monótona, com a repetição da leitura das famílias silábicas e números para memorização, extensa prática de escrita, e principalmente apoiado em atividades do livro didático. É perceptível a falta de atividades mais dinâmicas e do lúdico nas práticas pedagógicas, que se mantém de forma mais conservadora, como por exemplo, o uso de atividades impressas restritas e muito alinhadas às práticas tradicionalmente trabalhadas.

“Embora os professores não gostem de se declarar adeptos da metodologia tradicional, o que se percebe na prática, é que em muitos momentos, eles acabam por adotar a aula expositiva, seja para dar conta do tempo, seja para facilitar a compreensão de um conteúdo complexo. Essas justificativas, no entanto, levam em consideração somente a tarefa docente, deixando de lado, a aprendizagem discente, uma vez que essa técnica não produz uma aprendizagem significativa.” (SILVA, 2017, p. 24651)

Com tudo, diante das observações feitas presencialmente é notável a diferença entre os modelos de ensino. Em contato pessoal o professor consegue perceber as dificuldades das crianças e auxiliá-las no momento, além de que é possível acompanhar o desenvolvimento momentaneamente, promovendo o diálogo entre os discentes sobre as temáticas propostas no plano de aula, proporcionando que elas aprendam em colaboração, reflitam sobre as opiniões de seus pares, observem e ouçam umas as outras, em exemplo de quando é proposto atividades em colaboração, onde é possível perceber interação e dinâmica de ajuda entre elas, evidenciando a importância da aprendizagem em pares que não é possível na escola em modelo remoto.

Portanto as diferenças entre os processos de ensino e aprendizagem observados no modelo remoto, como foi feito, e o modelo presencial são facilmente percebidas, mesmo o modelo presencial ainda apresentando problemáticas e desafios a prática docente, se mostra mais efetivo ao tratar da aprendizagem de crianças, e as relações



entre os sujeitos se provam ainda mais importantes, como uma parte fundamental e indispensável nos processos de ensino-aprendizagem.

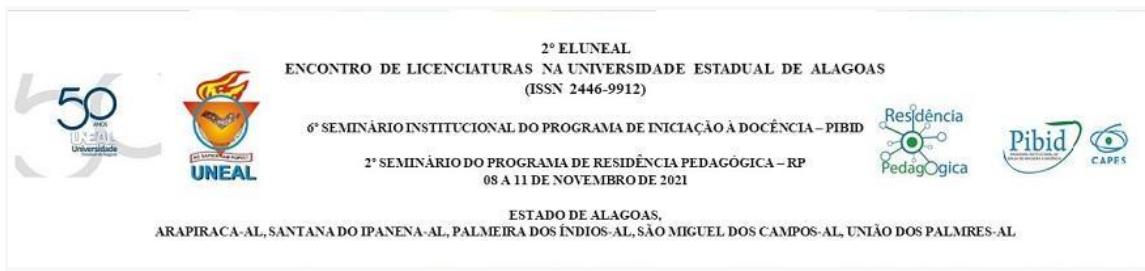
CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das ações de imersão na escola por meio de atividades remotas e presenciais, enquanto residentes do Programa Residência Pedagógica, acessamos possibilidades de refletir e tecer um olhar mais a fundo sobre os desafios inerentes às práticas docentes, as mudanças ocorridas no ensino diante da situação emergencial ocorrida no país e a necessidade de concentrar esforços para o desenvolvimento de situações de aprendizagens remotas.

Em vista disso, foi possível perceber que a situação gerada imposta pela COVID-19 evidenciou questões já existentes no ensino presencial, agravou essas situações e antecipou outras, trazendo consequências econômicas, políticas, sociais, demonstrando a necessidade urgente de investimentos no campo educacional e que seja atribuído ainda um maior valor às questões ligadas à educação.

Deste modo, o momento agora exige uma nova postura educacional frente às questões relativas às necessidades dos alunos no cotidiano, e a forma como isso se dará resultará em fatores positivos, satisfatórios ou negativos mais à frente. Diante das dificuldades encontradas, é necessário que escolas e instituições obtenham um olhar cuidadoso quanto à forma de acolher, nos momentos de conversa, na escuta atenta e sensível, individual ou coletiva, pois muitos passaram por experiências dolorosas junto a eles e que o docente, figura extremamente necessária participe desses momentos significativos de mediações, diálogos e interações junto aos mesmos.

Contudo, é necessário que diante desse cenário, possam ser repensadas novas estratégias de recuperação para o desenvolvimento e consolidação dos conhecimentos já adquiridos pelos alunos anteriormente, mantendo o foco na aprendizagem; Observar



onde tantas lacunas foram deixadas para que possam ser sanadas. Verificar o que deve ser priorizado, pensar atividades para repor o que não foi alcançado, reorganizar e adaptar conteúdos de acordo com a nova realidade educacional e adaptar novas metodologias para pensar todos os diferentes níveis de aprendizagem em que os mesmos se encontram, pois, embora sejam inúmeros os desafios, a educação precisa encontrar caminhos, unir forças para a transformação de um ensino que seja oferecido cada vez mais com qualidade .

REFERÊNCIAS

- BERNARDES, Thais. Impactos da Pandemia na educação. **Futura**, 19 de mar. de 2021. Disponível em: < <https://www.futura.org.br/impactos-da-pandemia-na-educacao/> > . Acesso em: 30 de set. de 2021.
- CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 13. 2017, Curitiba. SILVA, Marian Jesus da. **Abordagem tradicional e ativa: uma análise da prática a partir da vivencia no estágio supervisionado em docência**. Curitiba: PUCPR, 2017. p. 24642-24652.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.
- SANTOS, Élia Amaral do Carmo; JESUS, Basiliano do Carmo de. **O lúdico no processo ensino-aprendizagem**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Universidade Tecnológica Intercontinental (UTIC), Assunção, 2010.
- SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO, 1. 2010, Belo Horizonte. KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. Belo Horizonte: Perspectivas Atuais, 2010. p. 1-20.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad. Cláudia Shilling. 6ª ed. Porto Alegre: Art Med, 1998.